

ZOTTIS, Giovanna; SILVA, Michele Carolina; MIZUTANI, Luciana; PÉCLAT, Chavannes. **Processo Civilizador em Questão**. Campinas: Unicamp. Pesquisadores Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP, Nível Mestrado e Doutorado. Orientador Renato Ferracini.

RESUMO

Em nosso grupo de pesquisa “Provisório” no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp, orientado pelo Prof. Dr. Renato Ferracini, procuramos identificar uma questão que fosse transversal em nossas pesquisas. Ficou evidente uma ruptura, um questionar, das estruturas de um processo civilizador que são fundantes da forma que vivemos e nos organizamos econômica e socialmente. Essas formas de saber e fazer reverberam nas artes e, por conseguinte, estão presentes em nossas pesquisas. Para embasar teoricamente essa discussão encontramos o texto *Processo Civilizador* de Norbert Elias. A discussão se pauta sobre a problematização dos padrões que historicamente foram impostos e naturalizados pela noção de civilidade. No campo específico das pesquisas questionamos o processo civilizador: no trabalho de artista da cena com a voz; no fazer artístico frente a processos políticos hegemônicos; na relação da palhaçaria com a rua; e na arte que questiona a gentrificação dos corpos e da cidade.

Palavras-chave: Processo Civilizador. Palhaçaria. Zona Autônoma Temporária. Voz. Dança.

ABSTRACT

In our research group "Provisório" in the Program of Post-Graduation in Arts of the Scene at the Institute of Arts - Unicamp, oriented by Prof. Dr. Renato Ferracini, we sought a cross-cutting issue in our research. It became evident a rupture, a questioning, of the structures of a civilizing process that are base to the way we live and how we organize ourselves economically and socially. These ways of knowing and doing reverberate in the arts and, therefore, are present in our research. To theoretically base this discussion on the Norbert Elias: *Civilizing Process*. The discussion is based on a problematization of the patterns that historically have been taxed and naturalized by the notion of civility. In the specific field of the surveys they question the civilizing process: at the artistic work of the scene with voice; in face off hegemonic political processes; in the relationship of the clown with the street; and in the art that questions the gentrification of bodies and the city.

Keywords: Civilizing Process. Clown. Temporary Autonomous Zone. Voice. Dance

Prólogo

Nosso compartilhamento temático intitulado “Processo Civilizador em Questão” iniciou-se com a apresentação de uma cena exemplar baseada no

texto Processo Civilizador de Norbert Elias de 1939 com tradução para português em 1994.

Cena 1 - O frango, a fome e a civilidade

(No centro há uma mesa e duas cadeiras. Entra uma atriz carregando um prato contendo um frango assado e um pano de prato. Ela posiciona o frango e o pano com cuidado no meio da mesa. Sai. Entra um ator farejando a comida, se depara com a mesa posta e se dirige ao frango. Se coloca atrás da mesa sem se sentar e começa a comer vorazmente e prazerosamente com as mãos lambendo os beiços e dedos. Emitindo sons ao mastigar com a boca aberta, ao final um arrote. A ação animalésca e brutal é interrompida pela entrada da atriz que visivelmente reprova a ação com uma chamada sonora de repreensão. Ela carrega pratos, talheres, jogos americanos e guardanapos. Ele se levanta em atitude assustada e recua como bicho acuado. Ela se aproxima, olha a mesa, deixa os objetos trazidos, pega o pano de prato e passa a limpá-lo e o obriga a sentar à mesa durante a ação. Dá a ele o pano e faz sinal para que ele termine de se limpar. Ao terminar ele entrega o pano à atriz que leva o pano para fora de cena não sem antes verificar se o ator não avançará sobre a comida. Ele ao avistá-la coloca-se em posição de atenção e pára de se mover. No retorno, ela traz copos com suco, organiza a mesa enquanto ele observa assustado. Após organizar os pratos, talheres, guardanapo e copos convida-o por gestos a juntar-se à mesa. Com tudo em ordem, ela suspira e senta-se à mesa. Com o relaxamento dela ele também relaxa e coloca as mãos no meio da mesa com veemência. A ação é reprimida por ela por tapas que fazem com que ele recolha as mãos. Ela serve o frango em ambos os pratos. Inicia-se então um processo educacional onde ela demonstra como se deve portar à mesa: Pegar o garfo, a faca, ensinando como utilizá-los. A ação segue em como se deve utilizar o guardanapo e o copo. Ele parece estar civilizado, ela aprova e propõe um brinde “à civilização” ao qual ele responde em francês “civilité”. Ao fundo se ouve a música “S wonderful” cantada por João Gilberto. Ao final o ator demonstra as habilidades aprendidas para o público. Temos a impressão de que a cena passou de um ambiente privado para um espaço público de um restaurante).

Cena 2 - Nobert Elias e o Processo Civilizador

Seguiu-se à cena uma fala explanatória realizada a 8 mãos dos estudos realizados no grupo de estudos Provisório.

LUCIANA - Olá, meu nome é Luciana Mizutani sou doutoranda no programa em Artes da Cena da Unicamp e estou em três empregos sem registro para me manter estudando.

CHAVANNES - Bom dia, meu nome Chavannes, sou doutorando no programa de Artes da Cena, e trabalho em 5 lugares diferentes como freelancer para seguir fazendo balbúrdia na universidade.

GIOVANNA - Bom dia, meu nome é Giovanna, vim de Porto Alegre para fazer mestrado, onde larguei uma vida mais ou menos estável. Esse mês eu pedi ajuda pra minha mãe.

LUCIANA - Essa cena que vocês acabaram de ver foi inspirada nos estudos que temos feito, enquanto grupo de pesquisa, de um livro do Norbet Elias, dividido em dois volumes, chamado "O Processo Civilizador"

GIOVANNA - Ao assistir uma cena assim, ao ver uma pessoa comendo "sem educação", de forma brutal ou animal, provavelmente, todos nós aqui presentes sentimos algum desconforto. Provavelmente, em algum momento, vocês também tenham sentido esse processo educacional, aqui encenado, como algo violento e brutal. Até chegar na colonização dos hábitos diferentes, considerando eles menos civilizados, homogeneizando, a partir daquele que tem poder para ditar as regras.

De onde vem essa noção de civilidade, tão introjetada? Temos a clara noção de que essa pessoa não possui o decoro "mínimo necessário" para se conviver em sociedade. De onde vem essa noção de mínimo necessário, essa ideia tão introjetada que nos faz valorizar, mais ou menos, uma pessoa a partir dos hábitos dela. "Essa pessoa eu não quero conviver"; "essa sim eu posso convidar pra ir jantar lá em casa"; "logo se vê que é uma pessoa educada, de bem, de fino trato, já essa eu nem vou chamar, é tão educada que eu não tenho nem louça pra receber".

Como foi que os seres humanos se tornaram educados e começaram a se tratar com boas maneiras?

Isso que parece tão naturalizado e presente nas nossas relações cotidianas tem um percurso histórico. A partir do estudo desse livro fomos traçando alguns paralelos entre essa construção histórica, a sociedade atual e as nossas pesquisas.

CHAVANNES - Antes de mais nada falemos rapidamente sobre Norbert Elias. Elias nasceu em 1927 na Alemanha no seio de uma família judaica, em 1933 é obrigado a deixar o seu país em decorrência do Nazismo, falecendo em 1990. Ao deixar a Alemanha, Elias vive na Inglaterra onde pode desenvolver boa parte de sua carreira acadêmica, "O processo civilizador" é uma das suas obras mais importantes escrita na Inglaterra em 1939.

Cocô, xixi, meleca de nariz, catarro, lamber os dedos gordurosos, arroto, peido, comer com a mão.... O que vocês sentem ao escutar essas palavras? Onde o seu imaginário te leva? Todas essas ações - assim como na cena que apresentamos - podem nos remeter a um certo nojo ou desconforto. Essas sensações e emoções podem e são explicadas por Elias. Mas como?

Elias compõe sua teoria a partir de uma perspectiva social histórica. E o que isso significa? Para Elias todas as ações humanas não acontecem per si,

mas são originárias de um complexo processo de formação de forças sociais atreladas a fenômenos culturais e históricos. Partindo do que acabamos de ver em nossa cena: duas pessoas sentadas à mesa comendo um frango. Todos nós possuímos uma necessidade “natural” de comer algo, porém o quê ou a forma como nos organizamos para nos nutrir é regido por forças culturais que nos moldam e nos direcionam sobre quais alimentos escolher para matar a fome, e o mais interessante, como fazê-lo. Portanto a fome está numa dimensão natural, enquanto a fome de algo ou a maneira como escolhemos acabar com ela está vinculada a um dado cultural. Todas as palavras citadas anteriormente de alguma forma demonstram essa condição. Em algum momento todos nós vamos ter que ir ao banheiro e a forma de lidarmos com isso é cultural, bem como a forma de nos expormos a isso, ou melhor, como controlamos a nossa exposição sobre as nossas pulsões e sensações também é um fenômeno cultural.

Se hoje sentimos algum desconforto, seja nas palavras mencionadas ou mesmo nas ações observadas durante a cena, é porque passamos por um processo de civilização, um processo civilizador de controle de nossos hábitos cotidianos.

E o que vem a ser esse Processo Civilizador? Elias realizou um aprofundamento histórico, ou seja, resgatou a história da palavra “civilidade”, do francês “Civilité”, para compreender os padrões de comportamento e da expressão da sensibilidade e emoções da sociedade ocidental. Devemos lembrar que a análise de Elias, parte de uma perspectiva Eurocêntrica, onde o sociólogo desenvolve sua análise do processo civilizador tendo como base a sociedade europeia. Ao realizar esse mergulho histórico, Elias encontra a origem da palavra “civilidade” em um tratado de Erasmo de 1530 com o título “Da civilidade para crianças”. O tratado lido na atualidade chega a ser cômico e está dividido em 7 capítulos que versam sobre as maneiras de como alguém civilizado deveria se portar nas mais diversas ocasiões: de decoro com o corpo, em lugares públicos, em lugares sagrados, em banquetes, em reuniões e até mesmo no ambiente íntimo do quarto de dormir. A ideia de Erasmo ao escrever esse livro, era a de proporcionar uma cartilha direcionado ao jovem educado na corte, no intuito de transmitir alguns valores e comportamentos designados como civilizados, e separá-lo daqueles considerados “bárbaros” ou incivilizados. O texto de Erasmo ganha tanta força e notoriedade que o termo “Civilité” assim como toda a cartilha foi traduzida, aplicada, re-aplicada, atualizada e expandida por toda a Europa durante os séculos XVI a XVIII.

Ser civilizado passou a significar ter auto-regulação e saber controlar nossos impulsos. A sociedade ocidental através da nobreza e do Cristianismo, foi fundada nesses pilares de civilização e todo o indivíduo que se comporta fora desses moldes de conduta foi sendo tachado de incivilizado. É por isso que ao nos depararmos com as ações do início da cena - quando eu como o frango com as mãos - rotulamos tal comportamento de mal educado, troglodita e/ou bárbaro.

A sociologia histórica de Elias, por meio da análise da cartilha de Erasmo e as variações e atualizações deste documento, nos mostra que o processo civilizador trata-se de um movimento de longa duração, na direção à

moderação de nossos impulsos instintivos e afetivos. Direção que nos leva também para a pacificação das nossas condutas individuais e para a concretização de sociedades mais pacificadas.

Qual a relação entre a regulação de nossas pulsões com a organização de sociedades mais pacificadas? Devemos lembrar que a sociedade Feudal era formada por uma sociedade de guerreiros que aos poucos se torna uma sociedade cortesã. A passagem histórica do comportamento de guerreiros para cortesãos é a chave para entender a instauração desse processo de pacificação intermediado pelo processo civilizador.

LUCIANA - Elias aborda dois processos: a psicogênese e a sociogênese. Esses processos acontecem paralelamente durante o processo histórico.

A teoria dos processos de civilização proposta por Elias, baseia-se na defesa de que, toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido. Da mesma maneira, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades (sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres individuais que a compõem (BRANDÃO, 2000, p.10-11, *apud* BARBOSA).

O autor traça um percurso de sociogênese da sociedade guerreira, passando pela sociedade Feudal, sociedade de Corte e sociedade Burguesa. Onde durante a Idade Média, aqueles que obtinham mais terras passavam a ditar as regras de etiqueta e educação. No absolutismo isso se torna ainda mais afunilado, e menos pessoas passam a dizer o que é civilizado ou não.

GIOVANNA - Uma boa parte da cartilha é dedicada aos hábitos à mesa. Elias nos mostra como estas cartilhas vão sendo atualizadas. A primeira encontrada é a de Erasmo em 1530. Nas reedições, feitas também por outros autores, vão sendo suprimidas algumas indicações e outras vão sendo acrescentadas, o que nos possibilita elucubrar que elas já foram incorporadas e naturalizadas, logo não precisariam mais ser repetidas.

Nessas atualizações é possível notar transformações sociais: na própria linguagem da cartilha, que vai ficando mais polida; nos hábitos de higiene; e na posterior individualização dos talheres.

A aprendizagem memorizada como meio para educar ou condicionar desempenham um papel muito mais importante na sociedade medieval, onde os livros eram relativamente mais raros e caros, do que hoje, e esses preceitos rimados (Tischzuchten) facilitavam a memorização do que se devia e não devia fazer em sociedade, e acima de tudo à mesa. Essas frases instruíam a não agir grosseiramente, para que o sujeito não se parecesse com animais, porcos, lobos. Ou se expusessem de maneira ridícula e digna de pena.

Elias traz algumas frases do poema de Tannhäuser do século XIII:

33. Um homem refinado não deve arrotar na colher quando acompanhado. É assim que se comportam pessoas na corte que praticam má conduta. (...)

37. Não é polido beber no prato, embora alguns que aprovam esse grosseiro hábito insolentemente levantem o prato e o sorvam como se fossem loucos. (ELIAS, 1990, p.96).

E também de Bonvicino da Riva, do mesmo período: “315. Os que se levantam e fungam repugnantemente sobre os pratos, como se fossem suínos, pertencem a classe dos animais do campo” (Id, Ibid).

Da obra de Erasmo, *Da civilidade em Meninos*, de 1530, seguem alguns exemplos:

Algumas pessoas levam as mãos ao prato de servir logo que se sentam. Lobos fazem isso...

Não seja o primeiro a tocar o prato que foi trazido, não só porque isto demonstra gula, mas também porque é perigoso. Isto porque alguém que põe, sem saber, alguma coisa quente na boca tem ou de cuspi-la ou, se a engolir, vai queimar a garganta. Em ambos os casos, ele se torna tão ridículo como digno de pena.

E uma boa coisa esperar um pouco antes de comer, de modo a que o menino se acostume a controlar suas inclinações.

É feio lambar dedos gordurosos ou secá-los no casaco. Melhor e usar a toalha da mesa ou o guardanapo (ELIAS, 1990, p.100-101).

Em 1600 haviam talheres de uso comum, e poucos talheres individuais, era comum usar as mãos. O indicado à nobreza era pegar o pão usando os três dedos, mostrando delicadeza e destreza. Usar toda mão era sinal de rusticidade. Assim como essa, é possível encontrar com mais frequência a indicação de hábitos que diferenciariam o nobre, não mais do animal, mas do homem do campo. Também é possível notar a diferenciação dos hábitos dos alemães, italianos e franceses, o que nos mostra que foram sendo incorporados à noção de identidade de grupo.

Com o surgimento e ascensão da burguesia ocorre uma maior popularização das cartilhas e dos modos de agir dos nobres. Os burgueses buscam apropriar-se dos hábitos da nobreza e os nobres, por sua vez, passam a complexificar cada vez mais os hábitos à mesa, como forma de manter uma diferenciação entre classes: cada vez mais talheres com regras específicas, até um extremo, que de tão exagerado, chega a se tornar risível.

É preciso ser ou aparentar ser bem nascido. Aparece nas cartilhas a noção de embaraço. Assim, dominar esses hábitos é sinal de pertencer a uma classe superior. E nos escritos “nobres” vai sendo substituído pela ideia de “homem de honra”.

É possível notar no processo de atualização das cartilhas a maior diferenciação entre crianças e adultos. Vai aumentando a distância de comportamento e a noção de estrutura psíquica diversa. Quando somos criança temos hábitos mais brutais, e conforme vamos crescendo vamos sendo educados e adestrados para viver em sociedade. Assim, a criança é um ser que está em processo de adquirir sua civilidade.

É interessante também pensar que, ao visualizar numa linha histórica, temos a noção de como essa complexificação foi se desenvolvendo

temporalmente; e notar que, se tratando de uma sociedade, estamos olhando essa evolução da perspectiva adotadas pelos extratos mais altos da sociedade: que possuem o poder de publicar. Mas, concomitantemente ao modos de agir analisados temporalmente, existe a diferenciação de classes implícita nesses diferentes hábitos.

Dominar os impulsos vai se tornando um sinal de confiabilidade e de capacidade de viver em sociedade. Conhecer certas regras e padrões de comportamento, saber portar-se adequadamente, nos torna aptos a frequentar certos lugares.

Ainda hoje temos livros com regras de etiqueta. E quem as domina consegue frequentar a alta classe. Assim, esse conhecimento e domínio das “boas condutas” passa a ser um dos elementos que possibilitam a circulação e ascensão social.

É permitido não ser civilizado: ao velho, ao doente, ao louco e a criança.

Recentemente em uma festa com amigos a filha pequena de uma amiga vai em direção a mesa, pega uma colher para colocar na boca, a mãe interrompe a ação dizendo que aquela era uma colher para servir, não para colocar na boca. Outra amiga diz que não vê problema, pois ela é pequena. A mãe agradece mas diz que precisa educá-la.

Diante da cena, reflito: Claro que não queremos que nossos filhos sofram um adestramento violento, mas eu também não queremos que sejam considerados bobos, que sejam desvalorizados e ridicularizados na sociedade. Outros ainda poderiam pensar: Talvez, tudo que eu possa oferecer a um filho seja a educação, e através dela lhe dou a possibilidade de adquirir respeitabilidade, ascensão social, uma vida mais digna.

Cena 3 - O que temos hoje?

GIOVANNA - E o que temos hoje? Aparelho governamental relativamente estável e centralizado. Um monopólio em torno da força. Uma civilização em torno do medo, dos mais diversos medos.

CHAVANNES - Medo de que o kit gay seja distribuído para crianças de 6 anos nas escolas. Medo de que os comunistas tomem o Brasil apunhalando nossos buchos com facas de cozinha.

MICHELE - Incivilizados

CHAVANNES - Medo que Pablo Vittar ganhe um programa infantil com o apoio da Lei Rouanet, afinal o governo de Goiás está distribuindo bonecas com os órgãos trocados.

MICHELE - Incivilizados

CHAVANNES - Medo de que o livre pensamento nas universidades se resumam a *open bar* e orgias.

MICHELE - Incivilizados

CHAVANNES - Medo de que a Bíblia esteja errada e a terra seja mesmo redonda. Medo de que essa patifaria toda engula nosso amado Brasil em corrupção.

GIOVANNA - Isso eu também tenho medo

LUCIANA - Mas os patifes são outros

Cena 4 - Desdobramentos nas pesquisas

CHAVANNES - Falemos agora sobre como esse processo civilizador acaba condicionando e adestrando a nossa escuta e achatando nossa expressão vocal. Antes de mais nada vale o reconhecimento de Elias de que:

Embora os fenômenos humanos - sejam atitudes, desejos ou produtos da ação do homem [seres humanos] - possam ser examinados em si, independentemente de suas ligações Com a vida social, eles, por natureza, nada mais são que concretizações de relações de comportamento, materializações da vida social e mental. Isto se aplica a fala, que nada mais é que relações humanas transformadas em som. (ELIAS, 1990, p.96).

Através da citação do sociólogo alemão, fica evidente que as interações humanas constituídas pela voz - como o exemplo da fala - fazem parte de um complexo jogo de forças culturais que acabam por estruturar a maneira de como lidamos com a nossa expressão vocal.

Conforme o processo civilizador vai construindo padrões do que seja mais apropriado como o modelo de um comportamento civilizado - que nos afeta desde a maneira de que como nos portamos à mesa até em como nos comunicarmos durante uma conversa - a voz vai se modulando em favor desses padrões. O que é permissível ser, ou, não ser dito, acaba passando por um conjunto de regras que não nos permitem explorar livremente todas as possibilidades de palavras presentes em nossa língua, bem como os diferentes sons produzidos por nosso corpo e voz.

Quantas vezes na nossa infância e na juventude já fomos tachados pelos nossos tutores de mal educados por ter falado: “vai tomar no cu, buceta cabeluda ou caralho de asa”. É comum também já termos nos deparado com a cena da criança que brinca com o seu espectro vocal, emitindo seus agudos frenéticos e estridentes em um espaço público como um supermercado, consultório médico ou banco, sendo severamente repreendida por quem lhe acompanha: “ei! não fale assim, isso é feio. Não é educado”.

O processo civilizador afeta a voz tanto no campo da linguagem (palavra, signo, fala) quanto da sonoridade (qualidade melódicas e padronização de sons). O exemplo dos “palavrões” ou da “criança birrenta” são apenas dois exemplos de uma série de situações de repreensão e controle que vão reduzindo as nossas possibilidades de expressão vocal.

Na minha pesquisa traço pontos de contato com um artista e pesquisador da voz chamado Demétrio Stratos¹. Em sua trajetória artística Stratos combateu severamente uma postura de doutrinação da voz pela linguagem verbal e os padrões de comportamento civilizatórios e controle cultural. Segundo El Haouli é possível notar a queixa de Stratos sobre uma suposta sintomatologia da vocalidade achatada do cotidiano, sintetizada em três aspectos:

1. A voz como veículo unicamente da linguagem verbal; 2. insensibilidade auditiva aos aspectos da voz-música; 3. O embotamento e controle do homem através de hábitos vocais-auditivos. (EL HAOU LI, 2000, n.p).

Para o artista egípcio pouco da voz havia sido explorado verdadeiramente, afirmando que “[...] entre as pregas-pragas da linguagem existe um microcosmo sonoro inexplorado, e que uma possível desconstrução vocal deveria considerar a voz em sua plena materialidade” (Ibid, n.p). Demétrio concentrava sua busca na voz enquanto voz; voz-música, se perguntando como desvincular a voz da linguagem e encontrá-la em sua contraparte material, sonora e física.

No meu trabalho não busco ignorar a “Palavra”, ou traçar uma hierarquia entre palavra e som. Todavia concordo plenamente com Stratos, na existência de um microcosmo sonoro inexplorado na voz, ou melhor, um microcosmo renegado em detrimento de uma doutrinação da voz pelos padrões de comportamento civilizatórios e controle cultural. Conforme salientado no exemplo anterior da criança, há sons em nossa sociedade que são permissíveis e outros que não. Há sons bonitos e agradáveis, e sons, horrendos, feios e desagradáveis. Enquanto artista acredito que seja importante revisitarmos esses lugares de controle e embotamento vocal, buscando criar campos de experiência onde a voz possa se manifestar em contornos e sonoridades múltiplas, o que nos demanda uma escuta ampliada para sons que por conta de um processo civilizador foram sendo silenciados.

Como o fazê-lo? Não sei. Mas quem sabe cantando... algo possa acontecer. Quem sabe brincar como a “criança birrenta” seja uma pista. Reconhecer que a voz também é construída por forças culturais, torna-se importante para o reconhecimento de nossos padrões e comportamentos de fala. Cabe a nós buscarmos no encontro artístico a possibilidade de reinventá-los.

LUCIANA - Norbert Elias abre a possibilidade de trocar o étimo civilizador por colonizador. Um outro autor, Boaventura de Sousa Santos

¹ Cantor e pesquisador, o egípcio-greco-italiano Demetrio Stratos (1945-1979) é sem dúvida uma das maiores expressões da voz no século 20. “[...] seu trabalho salienta aspectos relevantes nos campos da fonologia, psicanálise, filosofia, antropologia e música experimental, assuntos que interessam não somente aos músicos e estudiosos, mas principalmente às pessoas ligadas ao fenômeno da voz.” (EL HAOU LI, 2000, n.p)

(2010), diz que os governos europeus usaram de estruturas de exploração colonizadoras na construção de seus estados. Mesmo que tenha se proposto o Estado de bem-estar social, isso ainda foi feito às custas de países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. No Brasil, mesmo que tenhamos, por exemplo, declarado a independência, as terras e poder continuaram nas mãos dos filhos dos donos das capitanias hereditárias e se utilizando das mesmas estruturas.

A colonização continua fazendo parte da nossa sociedade, uma colonização do “outro” dentro de um pensamento homogeneizador. Um pensamento colonizador, que no Brasil atual, é branco, hétero, cristão, liberal na economia e conservador nos costumes. Hoje vivemos em uma sociedade onde não há mais espaços livres da regulação de estados e instituições, onde é cada vez mais difícil fugir dessas regulamentações frequentes e absolutamente violentas.

Na minha pesquisa eu dialogo com o anarquista ontológico Hakim Bey (pseudônimo de Peter Lamborn Wilson) que identifica historicamente que mesmo durante os regimes de grande opressão, surgem Zonas Autônomas Temporárias, ou TAZ (1997). Nessas TAZs abria-se um espaço durante um certo tempo que não seria regido por essas regras e regulamentações. As TAZs mais curtas poderiam ser uma festa onde há consumo de drogas, ou TAZs mais longas como as repúblicas piratas sendo a mais famosa a de Nassau.

Minha pesquisa tem se centrado na Arte de Guerrilha, e ao pensar no conceito dela na atualidade, eu me aproximo do pensamento de Bey onde vejo as artes abrindo um espaço e um tempo fora da regulamentação injusta e opressiva. E usando esse espaço e esse tempo para travar ou questionar as regras como uma forma de guerrilha ideológica. Como as Guerrilla Girls e o Banksy nas artes visuais ou Nassim Soleimanpur e Jafar Panahi no teatro e no cinema.

MICHELE

“O que pode também ser discutido, nesta obra de Elias, é a ideia de que existe um sentido na história. Com frequência, ele volta a sua ideia reguladora de que fenômenos à primeira vista carentes de sentido se examinados a olho nu ou na escala do tempo imediato revelam, porém seu nexos quando postos contra uma medida de longo prazo. (...) Esta medida de longo prazo, ou “curva de civilização”, como a chama adquire especial importância quando passa a definir pelo menos os últimos setecentos anos de aventura humana. É verdade que Elias não chega a apresentar essa “evolução” como sendo a única possível, menos ainda como necessária, para o homem. Mas não é menos verdade que a seu ver ela é definitiva, e desde que tomou conta do ocidente foi assumindo um caráter irreversível, a tal ponto (fica pelo menos sugerido) que terminará por *mundializar-se*, alterando também os costumes dos povos que, mais primitivos, vivem hoje de um modo que se compara à Europa medieval. (ELIAS, 1990, p.11, *apud* RIBEIRO)

O interesse em investigar por meio da dança os sítios de demolição urbana de casas para a construção de edifícios teve sua gênese na curiosidade

em estar neste tipo de ambiente (movida por instinto, como fazem as crianças e os animais) que se multiplicavam velozmente nos bairros residenciais. A curiosidade se desdobrou em investigação, pesquisa e reflexão crítica acerca das mudanças geográficas, sociais, culturais e econômicas no bojo das mudanças do cenário habitacional e da vizinhança.

Incorporadoras e construtoras compravam por vezes quarteirões inteiros de casas para construção de edifícios residenciais, alterando sobremaneira todo cotidiano local. Varriam-se do horizonte pessoas e desenhos arquitetônicos relativos a determinadas épocas, que eram substituídos por complexos condominiais homogêneos, que publicizavam em amplos outdoors imagens de corpos de mulheres sexys, animais de estimação ou famílias felizes e ofereciam, em sua grande maioria, segurança 24 horas, lazer completo, espaço zen, varanda gourmet, dog walk e afins.

A modificação do entorno gerou em mim a percepção de diminuição dos espaços públicos (devido a perda do horizonte, pelo aumento do volume de carros e etc) e as sensações de confinamento e de clausura (uma vez que os espaços públicos estavam tendo sua potência de encontro diminuída dada a resignificação dos espaços privados). Partindo da hipótese de que as grandes cidades são em geral palco de extensa diversidade de modos de vida, paradoxalmente notei que as transformações em curso estavam sendo marcadas por uma enorme homogeneização das formas, das arquiteturas e dos projetos de vida, de modo a destacar uma entre muitas. As alterações topológicas, que afetaram primeiramente meu corpo físico, foram durante a pesquisa revelando incontáveis linhas de força em rede, e o contato com os espaços “ruínas” pareciam criar ‘portais instantâneos’ do micro ao macro, das forças pasteurizadoras das formas presentes nos sítios, ao macro da ação imperialista que massifica e opera no planeta, por meio de práticas hegemônicas de atuação do capitalismo monopolista transnacional que padroniza, captura e coloniza os desejos e os sonhos com a pretensão de governar de modo invisível tudo o que existe (seja pessoa, planta, animal, mineral outras galáxias e etc).

Na contramão do processo histórico que Elias aponta como irreversível o foco da minha pesquisa consiste em provocar o olhar no tempo presente no sentido de desnaturalizar os sítios de demolição das casas por meio de intervenções de dança, colocando o corpo em movimento inadequado segundo as regras invisíveis que governam os ambientes, imbricando no mesmo ato relações de psicogênese e sociogênese. A pesquisa de campo-performance desdobra-se em trabalhos cênicos de dança e audiovisual expandido e aspira, através do diálogo com o público, provocar reflexões acerca dos afetos cotidianos gerados com as transformações dos ambientes habitacionais e dos modos de vida.

GIOVANNA

“(…) nada mais é do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a

mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso.” (ELIAS, 1990, p.96)

A partir da leitura de Elias, me pergunto: Como o palhaço rompe com essas regras? E como esse rompimento pode ser usado para propor uma visão crítica da sociedade?

Quando vou ao banco e sou informada de que o sistema do banco caiu, eu me desespero e me pego torcendo para que ele logo se restabeleça. É diante do rompimento da regra que a regra que se evidencia. O sistema está sempre funcionando. Minhas ações cotidianamente corroboram com isso. E se não voltasse? Que caos seria, tamanha é nossa dependência dele.

Ao romper uma regra, o palhaço torna evidente a existência da regra e cobra do outro uma posição diante do rompimento. Por exemplo: quando o palhaço ultrapassa uma linha e sobe ou pisa onde não deve. Todos conhecem a regra, menos o tonto. Posso ser indiferente. Essa posição pode ser uma defesa. E ao provocar essa defesa da regra no outro ele traz questões sobre a regra, isso acaba modificando o olhar sobre a mesma ou mesmo sobre a posição de defendê-la. Ou, o palhaço convida o outro a ser palhaço, e rompê-la junto com ele. Afinal, é uma brincadeira. Eu não sou louco, mas através do jogo com o palhaço eu posso brincar de ser louco por um momento.

Esses cerceamentos, essa regulação e auto regulação cotidiana e constante vai, com frequência, nos fazendo precisar de momentos em que eu não tão sou civilizado ou tão regulado. Onde eu me permito extravasar todo esse controle? Na academia malhando? Em esportes radicais? Na festa? Na cachaça? No carnaval? Na intimidade? No sexo?

A criança aceita ser civilizada pois quer ser aceita socialmente. O palhaço e o bufão estão, ambos, em desajuste com essa sociedade civilizada. Assim, a presença dos dois quebra e evidencia regras. A diferença entre os eles é que se poderia dizer que o bufão já desistiu, ele sabe que não será aceito; enquanto o palhaço ainda tenta ser aceito. Ele não conhece bem as regras, mas se esforça.

Penso ainda ser possível traçar aqui também uma semelhança entre dois aspectos risíveis e que causam embaraços na sociedade civilizada: a criança, que está em processo de adestramento, e o conhecedor de todas as regras, o “sabichão”; e os arquétipos presentes na palhaçaria o Augusto e o Branco. Um faz rir pela tolice, outro pela astúcia. Seriam eles, nesta análise, comparáveis aos dois extremos desse processo civilizador, o mais bruto e o educado demais. Os dois trazem aspectos do humano nessa constante tentativa de se encaixar nos moldes sociais.

Vejamos, por fim, esta outra citação da cartilha de Erasmo, que visa instruir sobre a forma de olhar:

(...) o olhar esbugalhado é sinal de estupidez, a olhar fixo sinal de inércia; o olhar dos que têm inclinação para a ira é cortante demais; é vivo e eloquente o dos impudicos; se seu olhar demonstra uma mente plácida e afabilidade respeitosa, isto é o melhor. (ELIAS, 1990, p.69)

Considero que a máscara do palhaço na rua, traz em si, algumas liberdades sociais dentro das regras da civilidade cotidiana, tanto para aquele que a usa, quanto para aquele que dialoga com ela. Dentre elas, uma espécie de permissão social para olhar e ser olhado. Se pensarmos que vivemos em uma sociedade em que olhar demais para alguém na rua ou ser olhado em demasia, causa, em geral desconforto; o nariz vermelho do palhaço rompe a regra evidenciando o desejo de ver e ser visto, e ainda pode tornar algo que estava invisível, visível. Assim, ele poderia ser considerado uma potente ferramenta de transformação social.

Referências Bibliográficas

- BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. Tradução de Patricia Decia e Renato Resende. Editions de E'clat, 1997.
- ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- EL HAOULI, Janete. *Demetrio Stratos: em busca da voz-música*. Londrina: Janete El Haouli, 2002.
- _____. *A voz nômade de Demetrio Stratos*. In: Revista Pesquisa e Música, v.5, nº1, 2000. n.p.
- SANTOS, Boaventura de Sousa & Maria Paula MENEZES (org). (2010) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora